

Reflexões sobre o adoecimento psíquico na contemporaneidade: um diálogo com o trabalho docente

Autores:

Nandra Martins Soares

*Doutoranda em Educação.
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná - UNIOESTE, campus de
Cascavel-PR*

Geovane dos Santos da Rocha

*Doutorando em Educação.
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná - UNIOESTE, campus de
Cascavel-PR*

Fabricio Duim Rufato

*Doutorando em Educação.
Universidade Estadual do Oeste do
Paraná - UNIOESTE, campus de
Cascavel-PR*

Elisabeth Rossetto

*Doutora em Educação. Professora do
Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Estadual do
Oeste do Paraná - UNIOESTE, campus
de Cascavel-PR*

DOI: 10.58203/Licuri.21261

Como citar este capítulo:

SOARES, Nandra Martins *et al.* Reflexões sobre o adoecimento psíquico na contemporaneidade: um diálogo com o trabalho docente. In: SILVA, Taísa Kelly Pereira (Org.). **Mente e corpo: uma jornada interdisciplinar em Ciências da Saúde.** Campina Grande: Licuri, 2023, p. 1-9.

ISBN: 978-65-85562-12-6

Resumo

No contexto do capitalismo e do neoliberalismo, a qualidade do trabalho docente é afetada pelo nível de competitividade entre os sujeitos, pelo imediatismo e por resultados, contribuindo para o enfraquecimento das estruturas sociais e da atividade de trabalho. Nesse sentido, o presente estudo busca explorar e refletir sobre o adoecimento psíquico na contemporaneidade, com foco no docente do ensino superior, a partir de uma revisão de literatura à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Discute-se a alienação como um fator contribuinte para o adoecimento psíquico, e a busca pelo sucesso individual gera incertezas e desigualdades, prejudicando o desenvolvimento do psiquismo humano. Os docentes alienados em suas condições de trabalho vivenciam relações precárias e de individualização, uma vez que esse contexto é atravessado pela competição e pelo produtivismo acadêmico. Desse modo, os processos que ocorrem na esfera mental não podem ser dissociados dos acontecimentos que se desenrolam nas relações sociais, visto que há uma linha tênue entre os problemas de saúde mental e o trabalho docente no ensino superior, de acordo com queixas apresentadas pelos estudos neste âmbito. A título de conclusão, o adoecimento psíquico desponta como um fenômeno viabilizado e fomentado pelo sistema socioeconômico em vigência na contemporaneidade. Assim é urgente desenvolver ações que resgatem o propósito e o sentido do trabalho docente, além de promover o bem-estar de professores, abordando as complexas relações de trabalho na atualidade.

Palavras-chave: Saúde mental. Professores. Sofrimento psíquico. Capitalismo. Psicologia Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

Com o advento do capitalismo, a sociedade do século XXI tem testemunhado uma intensificação do processo de privatização e individualização das atividades laborais. Por se tratar de um sistema socioeconômico que se baseia na propriedade privada e no acréscimo do capital, o trabalho foi modificado em sua característica principal: de atividade fundamental ao desenvolvimento humano, passou a ser um habitual meio de obtenção de lucro.

Leontiev (2004) estabelece que o trabalho é a atividade pela qual o ser humano aperfeiçoa suas riquezas, seus conhecimentos e suas aptidões. Assim, desponta como uma categoria fundamental ao desenvolvimento humano, pois permite que o ser desenvolva seu potencial. Guia o adulto para a criação a partir dos elementos contruídos anteriormente pela humanidade. Quando há algum empecilho à essa atividade, uma série de consequências podem ser identificadas.

O adoecimento psíquico compõe uma das respostas possíveis aos entraves e dificuldades envolvendo o campo do trabalho. Quando se fala no fazer docente, pode-se isolar aspectos específicos do campo educacional que se associam às práticas profissionais: falta de materiais, falta de reconhecimento, altas demandas e expectativas, desvalorização, etc. Nesses momentos, o trabalho docente desponta como propenso ao adoecimento.

Destarte, o presente estudo pauta-se em uma revisão bibliográfica da literatura, explorando dados de pesquisas desenvolvidas na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Como objetivo geral, buscou-se realizar um estudo acerca do adoecimento psíquico na contemporaneidade, dialogando com o trabalho docente no ensino superior.

TRABALHO DOCENTE E ADOECIMENTO PSÍQUICO

Não há como se considerar que a função do professor ocorra sem entraves na contemporaneidade, momento histórico em que se vigora o sistema capitalista e neoliberalista. A docência, assim como outras profissões, mostra-se atravessada pela lógica de concorrência e obtenção de lucro. Bauman (2001) estabelece que a ênfase na construção individual da vida - fomentada pelos modelos socioeconômicos supracitados -

tem levado ao enfraquecimento das estruturas e das instituições que antes eram responsáveis por garantir a coesão social e o bem-estar da coletividade.

O sistema capitalista configura a maneira pela qual a sociedade organiza a produção e a distribuição dos elementos básicos essenciais à vida, ocorrendo, nesse caso, por intermédio do mercado. Embora haja outros sistemas sociais fundamentados na troca e venda de mercadorias, é somente no âmbito do capitalismo que se constata a dependência do mercado como condição primordial de existência. O propósito central desse sistema é alcançar lucro por meio da discrepância entre o que é pago aos trabalhadores e o valor da mercadoria que produzem - a lógica do excedente de valor (Wood, 2003).

Dentro desta lógica, os trabalhadores - aqueles desprovidos de meios e/ou ferramentas de produção - comercializam sua força de trabalho em troca de salários, os quais utilizam para adquirir bens de subsistência. Por outro lado, os detentores dos meios de produção adquirem força de trabalho e comercializam o que é produzido pelo proletariado. Essa relação expõe de forma clara a exploração da classe trabalhadora para enriquecimento da classe burguesa (Wood, 2003).

Nessa vertente, a noção de pertencimento e participação cívica tem sido substituída por uma lógica de competição e busca pelo sucesso individual, em detrimento do interesse público. Essa transformação na dinâmica social e política têm gerado impactos significativos na vida das pessoas, muitas vezes promovendo a desigualdade, a exclusão e a fragmentação social. A sociedade contemporânea tem sido marcada pela primazia dos interesses privados em detrimento do bem-estar coletivo, resultando em um cenário que as relações sociais são pautadas na individualidade e no esforço incessante pelo lucro e sucesso pessoal.

Segundo as perspectivas delineadas por Vigotski (2004), tais aspectos contribuem para distorcer o potencial humano, submetendo os indivíduos às desigualdades resultantes do sistema social, econômico e político. Nesse contexto, as oportunidades para alcançar um pleno desenvolvimento psicológico - dentro das possibilidades culturais - são significativamente prejudicadas. Como resultado, torna-se frequente privar as pessoas da capacidade de melhor desenvolver sua consciência e controle sobre as próprias ações e comportamentos.

Essas condições levam o ser humano a compreensão limitada da conexão entre fatores externos e processos internos, o que se remete à teoria da alienação proposta por Marx (1974), que segundo o autor, as necessidades inerentes ao capitalismo,

especialmente aquelas relacionadas ao dinheiro e ao poder, desumanizam o ser humano ao criar situações que privam a satisfação de suas necessidades, tanto aquelas ligadas ao bem-estar individual quanto as essenciais para a própria sobrevivência.

E, nesse sentido, pode-se inferir, de acordo com Moraes (2011), que a atividade do sujeito dentro do sistema capitalista, perde sua forma ontológica, e ao produzir a alienação, afasta-o do gênero humano, o desumanizando, contribuindo para o adoecimento psíquico. Silva e Tuleski (2015) afirmam que na sociedade contemporânea, tem prevalecido uma concepção que busca naturalizar a ordem social, transformando aspectos históricos e sociais em algo que é percebido como espontâneo e essencialmente produzido.

Para Bauman (1998), vive-se na era da modernidade líquida, os sujeitos encontram-se desprovidos de padrões de referência, códigos sociais e culturais que os ajudem a construir suas vidas e se inserir nas estruturas de classe e cidadania. Coabita-se em tempos efêmeros, nos quais são compelidos a lutar por conta própria, enfrentando riscos, a fim de se encaixarem em uma sociedade com escassas oportunidades de realização profissional, pessoal e econômica. Essa realidade incerta e volátil coloca sobre as pessoas o ônus de buscar sua própria realização em um ambiente que oferece poucas chances de sucesso e estabilidade.

Nesse contexto, considerando que a humanização do ser humano ocorre por meio das relações sociais e da sua atividade fundamental do trabalho, quando estão alienados ou precarizados, as oportunidades para o pleno desenvolvimento da personalidade humana são severamente comprometidas, e isso tem contribuído para o aumento expressivo dos índices de psicopatologias (Silva; Tuleski, 2015). Nas palavras de Vigotski (1930, s/p) “a personalidade é formada basicamente pela influência das relações sociais, e prejudicada, portanto, nessa organização descrita”.

Silva (2020) argumenta que a alienação desempenha um papel de extrema importância no processo de adoecimento, principalmente por estar enraizada na atividade humana, especialmente no trabalho. Ao estabelecer uma divisão interna no indivíduo, essa condição resulta na distância entre o fruto de seu trabalho, na sua própria percepção identitária e as vastas potencialidades que caracterizam a essência humana de maneira abrangente.

Desse modo, os processos que ocorrem na esfera mental não podem ser dissociados dos acontecimentos que se desenrolam no mundo ao redor. Essas duas dimensões estão

intrinsecamente interligadas, influenciando-se reciprocamente em um movimento constante e dialético. Assim, um sistema que estabelece suas políticas sem levar em conta a relação entre as manifestações de saúde ou doença do sujeito e a realidade que o envolve, fragmenta-o, restringindo o processo de emancipação da sociedade.

Os professores estranhados em sua própria condição de trabalho acabam por atuar em ambientes acadêmicos movidos por relações precárias entre seus pares assentadas em uma espécie de desertificação das próprias relações sociais. Essas formas de estranhamento acabam por envolvê-los nas teias da individualização máxima, entendendo a sua própria condição de sofrimento como natural e não social (Forattini; Lucena, 2015, p. 45).

Destarte, uma série de mudanças decorrentes do avanço do neoliberalismo, tem reforçado a sensação de precariedade do sujeito contemporâneo, uma vez que a saúde mental é afetada por estas mudanças, que exigem do sujeito constantes adaptações aos novos fatos que se impõem. Os fenômenos, como a solidão, a dissolução das fronteiras entre vida pessoal e trabalho, e a prevalência da lógica competitiva, de superação e produtividade em todos os aspectos da vida, são apontados como importantes fatores responsáveis pelas novas manifestações de sofrimento psíquico (Safatle; Júnior; Dunker, 2020).

O sofrimento psíquico resultante das atividades laborais tem sido identificado como uma causa significativa de deterioração da saúde mental dos indivíduos em diversas esferas da sociedade. Autores como Yaegashi, Benevides-Pereira e Alves (2013) destacam que ensinar é uma atividade extressante por si mesma, sendo comum notarem-se repercussões sobre a saúde mental e física de docentes. Os efeitos são tanto individuais (sintomas do sujeito) como profissionais (lentidão, baixo desempenho, cinismo etc.) e organizacionais (conflitos com os demais profissionais, rotatividade, absenteísmo etc.).

De tal maneira, a associação entre problemas de saúde e a atividade do trabalho também têm sido observado entre os docentes, em destaque neste estudo, do ensino superior. Condições como o aumento nos índices de afastamento laboral, bem como das expressões pessoais dos trabalhadores acerca das origens de seu sofrimento e declínio na saúde, e fatores como a pressão da estrutura burocrática, metas rígidas de produtividade, ambiente competitivo, perda de autonomia e influência nas atividades desempenhadas

são destacados em estudos sobre o trabalho dos docentes, nos quais emergem as percepções individuais daqueles que enfrentam essa situação.

Leite (2017) descreve que as mudanças ocorridas no processo de trabalho docente impactam sobremaneira a saúde. Em sua pesquisa, realizada com docentes do ensino superior, o relato mais comum foi a ausência de descanso nos finais de semana, feriados e férias e o afastamento da família e dos amigos. No que tange aos docentes que não estão na pós-graduação, os mesmos sentem que estão “carregando o piano” dos que estão nesse nível de ensino, pois o encargo das aulas na graduação e orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC, além das atividades de Extensão, recaem sobre eles.

Os docentes que se encontram na pós graduação relatam que agregam orientações da graduação e da pós às atividades de pesquisa, publicações e participação em eventos sem recursos humanos e financeiros. A “concorrência” e o trabalho isolado (individualismo) são os fatores de maior estresse entre os docentes da pós-graduação. No que diz respeito à saúde, os relatos explicitam insônia, fadiga crônica e enxaquecas ou aparecimento de distúrbios neurológicos (“branco”, troca de palavras) (Leite, 2017).

Concomitante a isso, o estudo de Vasconcelos e Lima (2021), com objetivo de analisar os influxos do trabalho na saúde dos(as) docentes, identificou que o trabalho ocupa um lugar muito grande na vida dos(as) docentes e que sua influência na saúde é significativa, embora esta relação não se dê imediatamente ou de forma tão visível. Um aspecto destacado como indutor de maior sobrecarga, desgaste e adoecimento, é o envolvimento em funções de gestão e a inserção em programas de pós-graduação, já que, em geral, tais atividades se somam às anteriormente assumidas na graduação, além de elevarem as exigências de produtividade. Entre as queixas dos docentes estão: depressão, ansiedade, transtorno do pânico, cansaço emocional/exaustão, etc.

Prata-Ferreira e Vasques-Menezes (2021) também procuraram entender os conflitos do professor universitário, e os resultados da investigação demonstraram que o trabalho docente se estrutura sob duas perspectivas: o trabalho em si e o conflito e angústias vividos pelo docente. o professor universitário vê o trabalho acadêmico como, ao mesmo tempo, fascinante e neurotizante. Mesmo se reconhecendo em um lugar fascinante, privilegiado e com a possibilidade de refletir e complexificar a realidade, o professor convive com inadequadas condições de trabalho e vivencia a frustração de seus anseios no cotidiano da vida acadêmica. Relataram desgaste, sentimentos de angústia, sofrimento

e adoecimento em virtude das conflituosas questões de trabalho, de ordem ambiental e burocrática. Outra questão apontada pelos docentes foi o tempo necessário para a produção de seu trabalho imaterial, ou seja, oportunidade de dedicação ao estudo e à pesquisa, pois há dedicação a leituras constantes de atualização, que, embora não formalizada na carga horária de trabalho, ocupa tempo significativo, muitas vezes roubado de outras atividades como familiares, de lazer, etc.

Ainda os autores, ressaltam que a universidade vive em uma lógica gerencialista, massificadora e produtivista. O trabalho se esvazia de sentido e se constrói de vazios massificantes, se coisifica (Prata-Ferreira; Vasques-Menezes, 2021).

E com tudo isso, percebe-se, conforme apontado por Silva, Oliveira e Carvalho (2020), uma psiquiatralização da educação superior, e a medicalização aparece neste cenário como uma forma de regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica. Os autores enfatizam que além do excesso no consumo de medicalização, o individualismo, o enfraquecimento dos vínculos e a escassez de tempo, são características da contemporaneidade, marcada pela cultura do narcisismo, com sujeitos cada vez mais centrados em si, em detrimento do bem social, preocupados com desempenho, saúde, beleza, e prazer a todo custo, oriundos de culturas capitalistas que produzem subjetividades focadas na realização individual e ao consumismo. Sujeitos medidos, avalizados, hierarquizados, promovidos ou excluídos a partir de sua produtividade individual, atestada pelos currículos lattes e novas plataformas de exposição do desempenho.

A exigência de produtividade e seus efeitos lembram ao modelo toyotista de produção, no qual o artigo científico se configuraria como uma mercadoria acadêmica. E a “toyotização” da universidade pode provocar desgaste e adoecimento de modo similar ao que ocorre nas fábricas, pois vive-se uma situação de “precariedade subjetiva” vivenciada, com sensação que o trabalho realizado nunca é o suficiente diante das exigências que lhes são impostas (Silva; Oliveira; Carvalho, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo contrário, percebe-se que o adoecimento psíquico muitas vezes é gerenciado no sistema socioeconômico contemporâneo para finalidades específicas. Pessoas deixam de ser tratadas como seres humanos para se tornarem meros instrumentos ou recursos

dentro da lógica mercantil dos tempos atuais. O trabalho docente frequentemente segue esse caminho, o que resulta em fenômenos de adoecimento psíquico. Face a isso, mostra-se urgente o desenvolvimento de ações que resgatem a valorização do trabalho do professor refletindo sobre os elementos que compõem as relações de trabalho na atualidade com vistas a um sujeito com mais qualidade de vida e, conseqüentemente saúde mental.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. O Mal Estar da Pós - Modernidade. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
- FORATTINI, Cristina Damm; LUCENA, Carlos. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. *Laplage em Revista*, v. 1, n. 2, maio-ago., 2015.
- LEITE, J. L. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. *Revista Katálysis*, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 207-215, ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/rTNwzBPvRFcBNchvNg6yczB/?lang=pt> Acesso em: ago. de 2023.
- LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os pensadores).
- MORAES, R. J. S. O alcoolismo e o alcoolista no capitalismo: a Psicologia Histórico-Cultural na defesa da historicidade para o enfrentamento do problema. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2011.
- PRATA-FERREIRA, P. A.; VASQUES-MENEZES, I. Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso?. *Psicologia em Estudo*, v. 26, p. 1-14, 12 nov. 2021.
- SAFATLE, V; JÚNIOR, N. da S; DUNKER, C. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. São Paulo: Autêntica, 2020.
- SILVA, A. A.; OLIVEIRA, V. M.; CARVALHO, E. A. R. Psiquiatralização da educação superior: regular as emoções para que atendam às exigências da produtividade acadêmica. *Brazilian Journal Of Development*, [S.L.], v. 6, n. 12, p. 104307-104321, 2020.

SILVA, F. G. Inconsciente e adoecimento psíquico na psicologia histórico-cultural: estudo a partir da atividade docente. In: FACCI, M. G. D.; URT, S. C. (orgs.). Quando os professores adoecem: demandas para a psicologia e educação. Campo Grande: UFMS, 2020, p. 45-52.

SILVA, M. A. S.; TULESKI, S. C. Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. Estudos de Psicologia, v. 20, n. 4, p. 207-216, out./dez., 2015.

VASCONCELOS, I.; LIMA, R. L. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. Revista Katálysis, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 364-374, ago. 2021.

VIGOTSKI, L. A transformação socialista do homem Marxista. Internet Archive, 1930. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>» Acesso em: 25 jul. 2023.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise na psicologia. Uma investigação metodológica. (1927). In: VIGOTSKI, L. S. Teoria e Método em Psicologia. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WOOD, E. M. O que é (anti) capitalismo? Crítica marxista, v. 17, 2003.

YAEGASHI, S. F. R.; BENEVIDES-PEREIRA, A. . T.; e ALVES, I. C. B. Docência e burnout: um estudo com professores do Ensino Fundamental. In: YAEGASHI, Solange Franci Raimundo e BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. Psicologia e educação: conexão entre saberes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p. 189-210).